

WMM

WMM
WMMMMMM WMM@
WMM@ WMMMMMM
WMM

Entrevista

POR UMA ANTROPOLOGIA ENTRE FRONTEIRAS
Entrevista com Thiago Mota Cardoso

Alci Albiero Júnior
Ozaías da Silva Rodrigues

WMM@ WMMMMMM

POR UMA ANTROPOLOGIA ENTRE FRONTEIRAS

Entrevista com Thiago Mota Cardoso

Alci Albiero Júnior¹

Ozaias da Silva Rodrigues²



Thiago Mota Cardoso é biólogo e antropólogo. Professor do Departamento de Antropologia (DAN) e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Áreas Protegidas na Amazônia (MPGAP/INPA). Fez seu doutorado em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com Estágio Internacional no projeto AURA - Living in the Anthropocene, na Aarhus University, Dinamarca. É coordenador do Laboratório de Antropologia da Vida, Ecologia e Política (CoLar/UFAM), pesquisador do Núcleo de Estudos da Amazônia In-

¹ Biólogo (Bacharel/FAA e Licenciado/Claretiano), Mestre em Botânica (UFPR), Doutor em Ecologia Aplicada (ESALQ/USP) e Doutorando em Antropologia Social pela UFAM (PPGAS/UFAM). Pesquisador associado ao Laboratório de Silvicultura (UFAM) e Membro do CoLar – Laboratório de Antropologia da Vida, Ecologia e Política (UFAM).

² Doutorando em Antropologia Social pela UFAM (PPGAS/UFAM). Mestre em Antropologia (PPGA – UFC/UNI-LAB) e Licenciado Pleno em História pela UFC. Bolsista FAPEAM. Membro do CoLar – Laboratório de Antropologia da Vida, Ecologia e Política (UFAM) e do projeto de extensão Pandemias na Amazônia (UFAM).

dígena (NEAI/UFAM) e do Coletivo de Estudos em Ambientes, Percepções e Práticas (CANOA/UFSC). A presente entrevista ocorreu no dia 17 de novembro de 2022, na sala de reuniões do DAN, setor norte - UFAM. A transcrição do áudio foi realizada por Taiane Maiara Klein.

Ozaias Rodrigues: Olhando de forma retrospectiva para a sua formação profissional, em qual momento se deu essa virada da Biologia para a Antropologia? O que motivou isso? Qual foi a maior dificuldade em transitar, inicialmente, nessas áreas?

Thiago Mota: Para chegar a esta virada devo passar por alguns caminhos e encontros, nunca é algo simples explicar nossas trajetórias o que, no meu caso não começa com minha entrada no curso de biologia. Antes de chegar a cursar Ciências Biológicas já me interessava, na adolescência, por algumas questões associadas aos problemas ambientais, algo que me afetava. Afetação oriunda de meu entrelaçamento amoroso com o mar, seus movimentos e seus habitantes. Desde cedo, desde pequeno, o mar esteve presente na minha vida, eu o habitei, seja pescando com meu pai e meu irmão, sentindo o cheiro da maresia e do sargaço³, seja me banhando e, principalmente, pelo esporte, pelo surfe nas águas de Salvador e Olivença no Sul da Bahia. Era sempre meu lugar de meditação, de companhias e da expressão da estética rebelde e marginal. Meu entrelaçamento pelo e com o mar me fez virar meu olhar para o ativismo ecologista. Lembro-me das imagens na TV do pessoal do *Greenpeace* se jogando na frente dos barcos baleeiros e achava aquilo radical, achava o máximo. Me preocupava com a crise nuclear e com a contaminação dos oceanos. Mas o que inicialmente era uma admiração e preocupação distante e adolescente passou a ser uma busca, virou uma questão, um problema. Eu queria atuar, ser ativista. Tinha cerca de 17 anos e

³ O Sargaço é o nome popular de uma alga marinha pertencente à divisão *Phaeophyta* com distribuição tropical e subtropical.

tinha acabado de passar no vestibular em administração. Estava longe ainda de estudar biologia. Eu não sabia o que eu ia fazer em termos profissionais (risos). Fiz Administração na Universidade Federal da Bahia, na minha cidade de Salvador da Bahia. E por incrível que pareça foi no curso de Administração, em meio às narrativas empresariais e de gestão pública que se deu meus primeiros giros. Dentro do curso de Administração, tinha uma linha que era voltada para a gestão no Terceiro Setor. Temas como associativismo, cooperativismo e poder local, tinha lugar de destaque. E tinha alguns professores que eu acabei tendo uma certa proximidade. Eles discutiam poder local, a gente tinha algumas saídas para visitar as comunidades periféricas de Salvador, assessorar cooperativas de pão, discutia criação de banco popular solidário e realizávamos várias atividades dentro desse circuito da periferia soteropolitana.

Chegou um momento na própria Administração em que comecei a vislumbrar a possibilidade de seguir uma carreira na área de Meio Ambiente. Não sabia muito o quê, não tinha professores, não tinha leitura. Mesmo assim eu comecei a enviar currículos para ONGs, aquela coisa toda e fui chamado para ser estagiário na administração do projeto Tamar⁴, de conservação das tartarugas marinhas. No mesmo ano em que entrei para o projeto Tamar, abriu o vestibular para Ciências Biológicas na Universidade Católica de Salvador e eu prestei e consegui passar. Quando entrei na Biologia, foi meio que uma transformação, entrei de uma forma voraz. Eu me envolvia muito com as questões administrativas do Tamar e estudava biologia de corais e zoologia a noite! Sempre que era possível, ia para o campo com os biólogos no fim de semana, queria e sempre ia muito para as bases nas comunidades litorâneas, queria sair pela praia vendo as desovas de tartaruga, todo esse mundo da conservação que o Tamar trazia no litoral brasileiro. Tinha contato com mergulhadores, fiz curso de mergulho. Eu ia seguindo esses passos. Eu entrei no Tamar em 1998, eu tinha 21 anos

⁴ O Projeto Tartarugas Marinhas, Tamar atua desde 1980 na conservação marinha através de pesquisas científicas envolvendo diretamente comunidades costeiras em seus trabalhos socioambientais.

de idade. Fiquei quatro anos por lá.

E teve um momento dentro do Tamar e na Universidade em que as coisas aconteceram todas ao mesmo tempo. Interessante como as linhas de vida vão seguindo seus fluxos. Você vai captando alguns elementos, mas não consegue conectar as coisas. Olha a vida como segue, como as nossas vidas se entrecruzam e como seguimos rumos inesperados em encontros nada esperados, não é linear a parada. No Tamar, eu fui visitar algumas comunidades locais de pescadores artesanais. Em Sergipe, tinha algumas comunidades tradicionais de pescadores que viviam na Reserva Biológica de Santa Isabel, na cidade de Pirambu, um lugar fascinante onde cultivei grandes amizades e aprendizados. Era *locus* da conservação ambiental e território de turismo e pesca. Ali conheci um cultivo de ostras destes pescadores, nos manguezais da foz do Rio São Francisco, em Ponta dos Mangues. Eu fiquei interessado por aquilo, escrevi um projeto para um prêmio da Administração para estudantes e eu consegui um recurso de um ano de trabalho para trabalhar associativismo, cooperativismo e valorização daquela atividade. Comecei a me interessar em entender aquele modo de vida. Ao mesmo tempo, foi naquele território pesqueiro que descobri o racismo ambiental e como a questão ecológica estava atrelada ao racismo e a colonização do litoral brasileiro, pois os pescadores viviam sob regimes legais proibicionistas e restritivos de uso do espaço e da biodiversidade marinha que fundamentava a governabilidade ambientalista na conservação de espécies e áreas protegidas. Nessa trajetória tinha um amigo meu, também estudante de biologia e funcionário do Tamar, que me apresentou um professor de zoologia da Universidade Federal de Feira de Santana, o Franzé (Francisco Souto), que era ligado à Etnobiologia. Eu liguei pro Franzé em Salvador e fui à casa dele sem nem saber direito o que era Etnobiologia, Etnoecologia, essas coisas, mas na intenção de saber se ele poderia me ajudar e compreender o modo de vida dos pescadores. Ele me deu dois textos que foram fundamentais na minha vida até hoje. É o texto chamado: “Etnobiologia: teoria e prática” do Darrell Posey, que estudou por muito tempo o manejo

da floresta pelos Kaiapó e o outro texto intitulava “O que é Etnoecologia” do ecólogo mexicano Victor Toledo. Quando eu li esses dois textos, foi como se abrisse um portal de possibilidades e eu fui afetado e falei: “*É isso mesmo que eu quero*”. Paralelo ao Tamar, na universidade, nunca fui biólogo *stricto sensu*, não era muito disso. Por exemplo, se ia ter laboratório, eu queria tirar os bichos do laboratório. Eu era totalmente avesso à manipulação e às experimentações que estavam acontecendo, apoiava o Movimento dos Trabalhadores sem Terra⁵, formávamos grupo de estudos em ecologia social anarquista para ler Murray Bookchin, nos interessávamos pela ecologia dos outros povos e fazíamos movimentos pela permacultura. Então, automaticamente você vai entrando num campo da biologia mais ativista, de campo, com forte componente e interesse pela composição com outros movimentos sociais e coletivos.

Isso tudo me leva, um tempo depois, já no final do curso de Biologia e de ter abandonado a Administração na UFBA a sair do projeto Tamar e andarilhar para fazer uma pesquisa monográfica na comunidade tradicional dos Patizeiros, no coração do Parque Nacional da Chapada Diamantina, no centro do estado da Bahia. Foi ali que eu juntei todos esses meus interesses que hoje permeiam a minha vida profissional, o de estudar práticas e conhecimentos de uma comunidade e a questão do território, da autogestão, do conflito territorial e do conflito socioambiental. Nesta época, no início dos anos 2000 estava muito forte uma discussão dos conflitos e confluências entre o ambientalismo e populações tradicionais e indígenas e esse era um lugar em que acabei entrando em minha práxis acadêmica, já longe do mar, mas em outras águas e encantos. Tempo em que liamos o clássico “O Mito Moderno da Natureza Intocada” e outras obras sobre etnoconservação e espaços comuns do antropólogo Antônio Carlos Diegues e frequentava a incrível biblioteca de seu labora-

⁵ O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) é um movimento social, de massas, autônomo, que procura articular e organizar os trabalhadores rurais e a sociedade para conquistar a Reforma Agrária e um Projeto Popular para o Brasil.

tório na USP, o NUPAUB⁶. Ao me formar sou convidado para trabalhar num instituto de pesquisas, no IPÊ, para trabalhar com populações pescadoras caiçaras habitantes do entorno de um Parque Nacional. Era um projeto de conservação marinha e eu ia trabalhar com biologia de camarão para pensar fortalecimento de cadeias produtivas das comunidades de pescadores artesanais. Pegava o camarão dos pescadores, media o tamanho, o sexo, reprodução. Eu embarcava com eles às vezes, porque meu trabalho era fazer biologia pesqueira mas também monitorar invasão de barcos industriais. Então, eu embarcava com eles, ficava no alto mar, fotografava, fazia filmes, documentava. Era isso o que eu fazia, só que convivendo com os pescadores caiçaras e pensando em território, em usos comuns, habilidades pesqueiras locais, conhecimentos tradicionais sobre peixes. A partir de um lugar da biologia, minha cabeça já estava... eu não diria que, imersa na Antropologia, mas com interesse na diferença. Nessa diversidade de modos de vida, em natureza e cultura. Estava na fronteira destas duas “culturas”, como diria Charles Percy Snow.

Ozaias Rodrigues: Em que cidade você atuava?

Thiago Mota: Nas comunidades caiçaras de Guaraqueçaba, Ilha de Superagui, Ilha das Peças. Fiquei um tempo por lá e logo depois me convidaram para vir para Amazônia, para dar suporte a um projeto com as comunidades tradicionais da região do mosaico de áreas protegidas do Baixo Rio Negro. A ideia era trabalhar com pesca também, só que acabei encontrando floresta e agricultura, o que começou a me interessar demais. No Amazonas fiquei um tempo morando em Novo Airão, lugar lindo, na frente das ilhas das Anavilhanas, mas, novamente, de muita opressão preservacionista. Eu coordenei dois projetos nessa mesma instituição, o Instituto de Pesquisas Ecológicas, o IPÊ. Eu lembro que se chamava Etnobotânica e Manejo Agroflorestal e o Projeto

⁶ Centro interdisciplinar de pesquisa ligado à Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade de São Paulo, foi criado em 1988 (inicialmente um Programa de Pesquisa) para estudar as relações entre populações humanas e áreas periodicamente inundáveis do Brasil.

Mosaico de Áreas Protegidas, que era sobre territorialidades, territórios sociais, coisas assim, e construção do mosaico que está hoje instituído.

Bom estou rodando, rodando e não cheguei ainda na antropologia. Eu tenho de rodar isso tudo, porque é vivência. Eu não vou conseguir trazer para vocês aqui uma ideia, do tipo: “*Mudei por causa disso*”. São várias vivências, encontros em trajetórias que vão tateando essas fronteiras de disciplinas. Isso não é novo na antropologia, um lugar acadêmico que dialoga e tensiona com as ciências naturais desde seus primórdios. No meu caso, sempre gostei muito de ler, me interessava, de forma muito autodidata, quase intuitiva, em compreender os problemas do dualismo entre natureza e cultura e seus efeitos na ecologia política e sobre o ambiente, fui formando uma trajetória. Enfim, a partir desse lugar e desse conjunto de projetos e interesses, eu fui fazer meu Mestrado em Manaus. Só que eu não fui fazer na Antropologia, porque não tinha um programa por aqui. Na época, não tinha um Mestrado e um Doutorado em Antropologia aqui na UFAM. Não me lembro se começou em 2008, 2009, o PPGAS. Acabei cursando Ecologia, no INPA (Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia). No INPA tinha alguns professores que tinham disciplinas ou orientavam dentro da área da Etnobiologia. O Glenn Sheppard Jr, o George Rebelo e o meu próprio orientador, o Victor Py-Daniel e outros professores. E lá eu fiz o meu projeto sobre saberes indígenas e agrobiodiversidade no Rio Negro, com coorientação de Laure Emperaire. Eu estava interessado em alguns problemas colocados pelas comunidades ribeirinhas e indígenas do baixo Rio Negro, inserida num contexto de imposição do modelo conservacionista e modernizador, e fui estudar processos locais de diferenciação de paisagens e gestão da agrobiodiversidade para trazer à tona a ideia de que os povos tradicionais são produtores de vida e de diversidade e que seus modelos sócio-técnicos, seus sistemas de manejo da floresta, não eram primitivos ou destrutivos ou algo do gênero, mas sim modelos que deveriam ser olhados e deviam ser acolhidos nas políticas públicas, pelas políticas internacionais ligadas à questão ambiental e às áreas protegidas. Eu estava interes-

sado em seguir este caminho e, ao mesmo tempo, era um interesse em assessorar a luta territorial, porque para mim estas dimensões estavam ligadas. Dialogar com a perspectiva dos conhecimentos tradicionais sobre a biodiversidade estava muito ligado a garantia do território comum.

Durante o mestrado eu fiz parte de um projeto muito grande que era o PACTA - Populações Tradicionais, Agrobiodiversidade e Conhecimento Tradicionais na Amazônia. No PACTA tinha vários antropólogos e antropólogas, assim como biólogos e biólogas, pessoas que muito contribuíram para pensar questões sócio ecologicamente implicadas com as questões dos povos da Amazônia. Então já nesse meu projeto de mestrado, começo a inserir uma literatura antropológica mais contemporânea. Eu começo a me debruçar sobre alguns problemas da antropologia. Uma Antropologia como campo acadêmico. Há obviamente um processo em que a Antropologia foi se tornando extremamente necessária para mim e apaixonante, eu achava a Antropologia muito sedutora. Eu estava nesse contexto fronteiro do conhecimento, mas fazendo outra coisa. E na minha trajetória, sempre foi assim. Eu faço a graduação num lugar com conflito territorial e ambiental na Bahia, vou para o litoral do Paraná, na Mata Atlântica e depois no Rio Negro, também são outros lugares parecidos: um conjunto de unidades de conservação com populações que vivem dentro, conflitos ecológicos, governabilidade ambiental autoritária, racismo ambiental e desvalorização dos saberes dos povos. Mas acontece um outro movimento da minha vida em que eu vou para o Nordeste trabalhar com comunidades indígenas para fazer uma consultoria com os Pataxó e, ao mesmo tempo, vou para o Pará iniciar uma assessoria com os Munduruku, é quando a antropologia bate de vez em minha porta

Alci Albiero: Isso durante o Mestrado?

Thiago Mota: Logo depois do Mestrado. Continuo morando no Amazonas um tempo e começo a viajar para o sul da Bahia e para o Rio Tapajós. Logo depois, vem o nascimento de nossos

filhos e eu e Marilena, minha companheira, decidimos nos mudar de Manaus, para voltar mais recentemente para construirmos outros projetos aqui no norte, outro giro. Após o mestrado uma organização de professores Munduruku e indigenistas da FUNAI me convidam para ser professor e assessor na criação de uma escola indígena, nível de ensino médio, para formação em agroecologia indígena. Com os Munduruku fui trabalhando na escola indígena por alguns anos e depois fui apoiar na elaboração de um “mapa da vida” para dar suporte às suas lutas contra a construção de hidrelétricas no Rio Tapajós. Em paralelo, vou atuar no sul da Bahia junto com os Pataxó na realização de um mapeamento do território baseado no conhecimento tradicional dentro de um conflito histórico entre um povo indígena e o Parque Nacional do Monte Pascoal. Eu fico anos trabalhando com os Pataxó fazendo várias atividades com as lideranças e com diversos interlocutores, hoje meus amigos, e com profissionais muito dedicados da FUNAI, de ONGs e outros técnicos, envolvendo etnoecologia, cartografia e antropologia. Chegou uma hora em que as pessoas achavam que eu era antropólogo já. Estava participando de demarcação de terras, estava participando de várias atividades de gestão territorial e ambiental e de formação em agroecologia e política. O conjunto dessas experiências me proporcionou encontros que me fizeram tornar-me, pensando aqui alto com vocês, um “antropólogo de pés descalços”. Não tem aquele livro sobre o *arquiteto descalço*? (VAN LENGEN, 2021) Arquitetos que fazem as coisas com os materiais que existem na sua frente. O Tim Ingold fala que na sua trajetória de vida, você vai fazendo seu conhecimento com as coisas que você vai se relacionando ao habitar o mundo, pegando, jogando na sua sacola. Eu fazia isso, era, acho eu, uma antropologia com os pés descalços, um exercício reflexivo na vida se desdobrando por entre as diferenças. Eu ia caminhando nessas experiências, conhecendo pessoas marcantes, andarilhando em paisagens, lendo textos e me aprofundando em territórios ancestrais com meus e minhas companheiras de estrada, mas sem pensar problemas antropológicos num sentido mais formal, em como a gente vai pensar e desenvolver teorias antropológicas.

Alci Albiero: Não pensava em etnografia?

Thiago Mota: Eu fazia, eu sabia que eu estava fazendo etnografias, que estava imerso na vida de pessoas para pensar problemas formulados de forma interdisciplinar e intercientífica, para ler o mundo, com inspiração Paulo freiriana. Meu mestrado foi etnográfico, a minha graduação também. Eu falo isso, vivi encontros, eu descrevi e produzi uma reflexão sobre estes momentos, com base na vida vivida e nas reflexões oriundas destes encontros com meus e minhas companheiras de jornada. Mas eu não estava discutindo, pelo menos conscientemente, problemas antropológicos que estavam sendo resolvidos em diversos campos da Antropologia, mas sim produzindo testemunhos capazes de gerar políticas e caminhos para garantia dos direitos sobre um território vivo e pela autonomia dos povos com os quais tinha relações.

Ozaias Rodrigues: Essa perspectiva que você trouxe é bem interessante porque dá para ver que você já tinha a “alma de antropólogo”, se a gente for fazer um olhar teleológico, desde sempre. Não teve uma virada, é isso que você falou de linhas de movimentos que um foi alimentando ao outro. Eu adorei.

Alci Albiero: Eu acho interessante a coisa até do Tamar, as tartarugas são muito atrativas também, é um animal que tem essa questão de ameaça de extinção. E tu foi por esse caminho mais das interações, do social e essa Biologia das medições e comparações não foi uma coisa que te atraía muito...

Thiago Mota: Eu comecei a achar aquilo quase uma fábrica, uma maquinaria de biopoder no litoral brasileiro, e ao mesmo tempo uma coisa muito burocrática e conservadora. Eu queria uma coisa em que eu me envolvesse. E as pessoas que conheci das comunidades de pescadores, indígenas e ribeirinhos me moviam e me deslocavam para um Brasil invisível até então para mim,

o problema que eles estavam vivendo e vivem era e é algo radical: colonização e restrição de seus territórios, invasão de barcos pesqueiros, desvalorização de suas práticas, opressões de todos os tipos, racismo, precarização de seus ambientes e sistemas econômicos, enfim, conflitos que estavam já pipocando em toda a América Latina, neste tempo que muitos vão chamar de antropoceno ou capitaloceno. Então, foi nesses mundos que eu me percebi num lugar de fronteira. Fronteira entre ciências e entre estas e os conhecimentos entre os povos tradicionais. Me transformei convivendo com essas comunidades, fiz muitos amigos e companheiros. Se não fosse isso...

Ozaias Rodrigues: Você já respondeu uma pergunta que ia fazer, inclusive, quando te conheci pessoalmente, até falei que a gente foi olhar teu currículo. Não, foi numa reunião online, falei: “Gente, por que que tem uma pessoa aqui no PPGAS da Biologia? Passou por Ecologia, vai pra Antropologia? O que que tem a ver?” - Eu ainda tinha essa cabeça onde uma coisa era muito bem delimitada, distante da outra e agora vendo a sua trajetória realmente dá pra ver que as coisas não são muito bem delimitadas: são interdisciplinares e elas conversam, dialogam, então não teve a dificuldade que eu imaginei tanto. Tem de sofrer um pouco pra fazer essa passagem, não é? (risos).

Thiago Mota: Eu só fui entrar mesmo na antropologia, fazer todo o rito de formação, tempos depois, já no doutorado quando já estava me envolvendo com muitas questões no sul da Bahia. É quando eu vou propor o projeto de pesquisa para a Universidade Federal de Santa Catarina e procuro os professores Márnio Teixeira-Pinto e Gabriel Barbosa para orientação. Inicialmente, era um projeto voltado para pensar questões de paisagem - porque é isso também, a ideia de paisagem sempre permeou e talvez é o meu outro conector aí. Eu não consigo pensar bem o mundo em pequenas escalas. Tem gente que gosta, pequenos elementos. Eu sempre tive uma perspectiva de sistemas, de olhar paisagens, discutir globalização, capitalismo, movimentos e circuitos, antro-

poceno, essas coisas. Estudei paisagens camponesas na graduação. Também fiz isso no mestrado e no doutorado também propus um projeto sobre paisagem, pensando na ideia de paisagem como provocação para pensar a textura do mundo, em que o grande jogo, na região em que trabalhei, era um confronto entre diferentes modos de tessitura de paisagens, que a gente pode chamar de conflito entre perspectivas de natureza. No caso dos Pataxó, eles conviviam com décadas de governo ambientalista e também de gestão neoliberal de seus territórios, onde adentrava desde modelos de “natureza” e práticas de preservação coercitiva, aos sistemas do agronegócio, agropecuária e do turismo de massa, desafiando as perspectivas indígenas. Foi a partir daí que começo a falar e pensar a antropologia acadêmica, na minha vida. Mas eu já tinha essa bagagem.

Portanto, não teve um sofrimento propriamente dito. Teve um exercício passo-a-passo, de muita curiosidade e aprendizados nas tramas de meus encontros na quentura dos territórios de povos e comunidades tradicionais e nos corredores das universidades. Quando eu ouvia histórias de meus amigos e amigas em seus lugares em diversas paisagens, quando caminhava ou navegava com eles e elas, ou quando encontrava um texto que eu queria muito conhecer ou quando conhecia um colega na universidade que me inspirava, ou em reuniões e eventos com ativistas e artistas diversos, imagina! Era como estar diante de um tesouro, momento de grande prazer, entusiasmo e transformação. Até hoje me afeto ou me deixo ser afetado. Então, você encontra, você lê e tem uma série de *insights* ou vive uma situação no chão das lutas ambientais e territoriais. Em cada momento chegam coisas novas dentro desse lugar onde estamos e aí novos encontros. Maan Barua, define bem esta ideia do afeto dos encontros, para ele encontros são devires, nupciais. Eles são movimentos, linhas, fluxos em diferentes velocidades e durações. Gosto muito desta definição. É bonita não?

Portanto, não foi tão difícil essa passagem, muito pelo contrário. Eu encontrei na antropologia um acolhimento muito grande, pela sua abertura e pela possibilidade de construir pontes

e diálogos em zonas bem críticas dos problemas vividos por pessoas humanas e não-humanas de carne, osso e chão. A antropologia sempre foi um lugar muito interdisciplinar ou até transdisciplinar, e diria mais, até indisciplinado, desde seus primórdios, então você encontra autores como Gregory Bateson; de repente, está frente a um texto de Tim Ingold ou de Anna Tsing, que também estão fazendo essa ponte; todas as propostas que vem com a discussão nesta constelação que envolve a antropologia da vida e da natureza, com seus relacionamentos materialistas, ecologias da mente, socialidades mais-que-humanas, animismos, perspectivismos, ecologias política, virada animal, vegetal e fúngica, decolonialidade, cosmopolíticas e etnografias multiespécies, que tem na antropologia brasileira uma via de muita criatividade. Então, me vejo hoje dentro deste lugar, onde me considero antropólogo, mas também às vezes perguntam: “*Qual sua profissão?*”, eu falo: “*Sou biólogo*”, depende da situação eu mobilizo um lugar de conversação como um olhar localizado para um problema. Essa encruzilhada, esse lugar é que me mobiliza. Às vezes, a gente cai pra lá ou cai pra cá, busca formular questões políticas-acadêmicas-ecológicas dentro dessa fronteira. Mas, veja bem, navegar nessa fronteira exige atenção, é verdade, às vezes se ficamos meio aturdidos e perdidos, fica meio complicado, encontros são complicados. Mas, até o momento, não encontrei um “exército das fronteiras”, os “policiais da fronteira entre as ciências”, portanto não fui “torturado” e nem me pediram meus documentos. Sei que eles existem. Mas talvez tenha conseguido passar incólume e na invisibilidade. Talvez, porque eu estava bem acompanhado, ou também por não ter me colocado nas trincheiras das grandes linhagens e controvérsias que tensionavam diferentes projetos acadêmicos, ou talvez também, some a isto tudo, por estar localizado no lugar de um homem branco, de classe média e privilegiado nesta estrutura perversa do racismo e sexismo à brasileira, uma realidade em muitos espaços acadêmicos e de lutas políticas. Tudo isso junto e misturado.

Alci Albiero: Tem uma coisa de um ativismo, uma coisa de se preocupar nessa tua caminhada, essa preocupação.

Thiago Mota: Acho que sim. Sem ser muito piegas, mas para mim a antropologia veio pela ação, pela implicação política em questões que me provocavam enquanto um ator dentro de um ecossistema de atuação ecológica. Não é o contrário. Nunca tinha me interessado por antropologia enquanto questões acadêmicas que eu precisasse resolver como um autor individual. Essas coisas não me interessavam de forma alguma, eu nem sabia qual era o debate que estava em jogo nisso aí. O meu lugar era outro, um lugar muito de chão, com pessoas que estavam nos mesmos caminhos, a luta anticapitalista, pela autonomia territorial e dos saberes dos povos, pela ecologia da vida. Atuei no terceiro setor, na assessoria aos movimentos sociais, em redes diversas e em projetos e consultorias mais técnicas e profissionais...fiquei muito tempo nisso. E eu dialogava com a academia de forma muito transversal, cruzada, tática. Eu vinha, fazia o mestrado, porque tinha questões que me interessavam, fazia redes e depois passava um tempo fora. Nunca pensei que ia ser professor universitário e que estaria agora no Departamento de Antropologia da UFAM, essa coisa nunca circulou pela minha cabeça até um certo momento de minha vida, quando a necessidade de atar a rede num lugar foi ficando cada vez maior. A antropologia chega mesmo durante meu doutorado e agora como docente.

Lembrando aqui uma coisa. Um cruzamento importante aqui e o que me mobilizava e ainda me mobiliza, o que eu diria que é o eixo da minha trajetória é pensar que minha escolha acadêmica e profissional se torna mais nítida no contexto das lutas anticapitalistas e antiglobalização em finais dos anos 90 e início dos anos 2000. Nesses anos eu já vinha me engajando e acompanhando os debates do ecologismo. O Fórum Social Mundial acontecendo, eu ia para a esses eventos, assistia e debatia apreensivo os protestos em Seattle e Gênova, e fazíamos coisas em Salvador. Eu era engajado nessas questões, nessas lutas antiglobalização e pensando a autogestão postas a partir

do movimento libertário ou anarquista, junto com ecologia e agroecologia. Fui militante do Movimento Nacional de Estudantes de Biologia, que tinha esta pegada organizacional e uma rede enorme de pessoas queridas. Bom, o neoliberalismo trazia com força essa ideia de que o indivíduo era o fundamento de tudo, que a competição era o fundamento da existência e da evolução, pegando o evolucionismo social e a sociobiologia como fundamento, isso me incomodava profundamente. E dentro da Biologia o fundamento da ideia de que a competição era o motor da evolução vem a partir do neodarwinismo, o *O Gene Egoísta*, do Richard Dawkins é paradigmático. Tudo isso vinha pavimentando essa ideia de que o gene determina a vida da gente, de que nossos comportamentos se devem a uma natureza humana individualista. Um certo pensamento mecanicista e determinista que me incomodava demais desde a graduação. Eu partia de uma ideia – nem sei explicar de onde, não sei se de origem é uma coisa de um cristianismo de fundo, da minha família, de parte de mãe, avó, de base cristã ali no semiárido do interior da Bahia, de que a cooperação, a solidariedade era importante e deveria ser levados em conta. Então, meu engajamento social e político sempre esteve nesse lugar. Eu não aceitava essa ideia de que os seres humanos são assim ou assado, e fui percebendo os limites da biologia. Não, não pode ser! E aí, eu encontrei na literatura biológica e no socialismo libertário uma explicação possível. Teve um livro que eu li jovem na graduação que chamava *Apoio mútuo*, de um geógrafo russo que é o Piotr Kropotkin. Ao mesmo tempo em que no Ocidente estava se produzindo uma Ecologia de tipo liberal que fundamentava a competição como fator de evolucionismo social, Kropotkin, a partir da taiga⁷ siberiana narra uma ecologia colaborativa, e traz o mutualismo para o primeiro plano. Ele estava fazendo uma crítica ao evolucionismo social de Spencer e daquela turma que tenta trazer as teses de *A Origem das Espécies*, de Charles Darwin, para explicar a evolução humana. E aquele livro me marcou. Eu comecei a

⁷ A taiga, também conhecida por floresta de coníferas, ou ainda floresta boreal, é um bioma predominante das regiões localizadas em elevadas latitudes cujo clima típico é o continental frio e polar.

militar, de certa forma, pelo pensamento no anarquismo social e fui ler as teses e as práticas de diversos autores como Murray Bookchin, que escreveu o livro *Ecologia e liberdade*. Isso tudo ali na universidade, na graduação. Aquela discussão do “pense global, aja localmente”, sabe? Isso sempre foi e é, até hoje, importante para mim. Então, é uma parte do cristianismo na minha vida. É “como Jesus entrou”! (risos).

Ozaias Rodrigues: Levando em consideração que o Richard Dawkins é um dos maiores ateus, então, tem outro ranço aí também (risos).

Thiago Mota: Hum não sei não. Minha impaciência com ele acho que não vai por ai, pela questão da existência de Deus ou não. Acontece que isso vai ganhando corpo e eu vou lendo coisas e quando começo a conviver com os meus colegas indígenas isso ganhou outra direção. A própria forma como os povos enxergam as interações, aí cai o meu cristianismo por terra também, porque aí não há essencializações possíveis. “*O humano é essencialmente colaborativo, altruísta*” também não era a resposta. As coisas são muito mais complexas e ambíguas.

Alci Albieiro: Atualmente você é coordenador do projeto “Florestas ressurgentes: povos tradicionais, políticas ambientais e práticas de revitalizar paisagens na Amazônia contemporânea” aprovado no edital n.005/2022 – Humanitas da FAPEAM. Considerando os avanços no desmatamento da Amazônia que em 2022 atingiu a pior marca da série histórica do Deter, o sistema de Detecção de Desmatamento em Tempo Real do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE). Como você acredita que o projeto pode colaborar para melhor compreendermos esse cenário de avanços na redução da maior floresta tropical do mundo e sua implicação para o desenvolvimento de sociedades sustentáveis?

Thiago Mota: Vou tentar ser sucinto. Está aumentando o desmatamento na Amazônia de

uma forma avassaladora e no governo Bolsonaro (2019 – 2022) a coisa foi escandalosa, foi uma brutalidade esse avanço do desmatamento que está ligado à ocupação de terras, à invasão de terras indígenas e de comunidades tradicionais e a implementação de projetos de infraestrutura e energia. E também está ligado à destruição das políticas ambientais e dos retrocessos nas políticas públicas ligadas a territórios dos povos amazônidas e das diversas áreas protegidas, que de certa forma, nunca cessaram na Amazônia dos últimos 50 anos, mas ganhou tração e voracidade com a extrema direita no poder. Isso vem realmente acontecendo e é preocupante. Por outro lado aumenta a percepção pela circulação de informações sobre esta situação, o que implica uma pressão nacional e internacional para frear o desmatamento num cenário de mudanças climáticas. A Amazônia passa a ser objeto de atenção dos que querem avançar sobre suas florestas, sob justificativa do capital, e também dos que querem proteger. Junto com isso, vem toda uma certa discursividade homogeneizadora sobre a Amazônia e seus povos, toda uma construção de aparatos tecnológicos dentro de uma governança que parte do princípio de uma ideia universal de natureza virgem, uma ideia universal de Amazônia como bioma unificado e portanto, junto disso, o tratamento da questão ou a busca por resoluções ou saídas para o desmatamento passa por este conjunto de noções que envolve, muitas vezes, políticas globais que têm sua força, sua importância e seus os *links* com os debates diplomáticos no âmbito internacional. O global mobiliza a produção de uma imagem desta Amazônia homogênea, influenciando vários sentidos na opinião pública, mas, por outro lado, no chão da Amazônia, o desmatamento ocorre de forma muito variável. Ele se dá em projetos territorializados, em manchas que implicam diferentes formas de lidar com as múltiplas amazônias nos mundos construídos pelos seus povos enredados com muitas outras vidas e projetos. Neste sentido não podemos cometer o erro de colocar no mesmo lugar, a perturbação na paisagem que gera ruína, como dos projetos modernizadores do agronegócio, do comércio de madeira e mineração, com a perturbação ressurgente dos modelos indígenas e de comunidades locais, que derrubam árvores

em pequena escala numa lógica de recuperação posterior da paisagem, inclusive com o uso do fogo. O projeto que você citou busca adentrar nessa querela, em pesquisar como práticas e conceitos ligados ao “desmatamento” e à “restauração” adentram e friccionam com projetos localizados de populações tradicionais e também da biodiversidade. Por que estou falando isso tudo? Porque pensar o desmatamento e olhar para ele enquanto manchas, ocorrências no território, faz com que também a gente mobilize um olhar etnográfico para as suas diferenças enquanto divergentes tecnologias de perturbação e como ele se fricciona de forma diferenciada, diferenciante, com os povos e vidas territorializadas. Estamos interessados em teorias etnográficas da “sustentabilidade”.

Ozaias Rodrigues: Ou seja, em síntese, existe uma dinâmica que o próprio conceito de desmatamento não abarca...

Thiago Cardoso: Estamos falando de um ecossistema de conceitos e práticas associado ao desmatamento, que mobiliza técnicos, cientistas, políticos, agendas, árvores, clima, carbono, fogo, desmatamento, recursos internacionais, e por ai vai. O que estamos propondo é um olhar etnográfico sobre os modos de perturbação, que implicam a transformação de manchas na paisagem, como forma de compreendermos sistemas técnicos associados ao desmatamento e às mudanças climáticas frente as vidas na Amazônia. Então, o olhar para as diferenças, o que também não é ficar preso às particularidades, mas tentar ver nesse próprio processo diferenciante como perturbações e modos de fazer ressurgir paisagens se dão nessas manchas e tentar formular teorias etnográficas em torno da sustentabilidade. A gente entra naquela discussão das conexões parciais. Ou seja, cada mancha dessa aí é um modo parcial de entender essa ideia universal de desmatamento. E aí, isso gera um interesse etnográfico. Aí entra a antropologia, que é o que a gente faz bem. Em vez de buscar amostras ou criar o mapa da Amazônia com dados quantitativos que mostram pontos e polígonos de desmatamento e de emissões, nós temos ferramentas para adentrar nessas manchas

para compreender toda essa maquinaria dos arranjos que geram derrubadas de árvores, desmatamento, ruínas ou ressurgências, e suas articulações com práticas e políticas da governabilidade ambiental global e como, a partir daí, conceitos e noções circulam. Ao mesmo tempo, pensando com essa ideia de paisagens enquanto agenciamento de encontros e fricção de projetos de mundos humanos e não humanos, podemos nos abrir para pensar também outras possibilidades de se relacionar com a floresta, em que o princípio da perturbação na paisagem não é a dilapidação da vida para implantação de uma certa monocultura. Ou seja, você pode também ver sistemas locais em que eles lidam com a paisagem, que mesmo derrubando a árvore e usando o fogo, parte-se do princípio de que aquela derrubada, aquela perturbação é uma perturbação que se dá em uma outra forma de gestão de relações temporais, com outras finalidades que não, por exemplo, transformar vidas em mercadoria; terra em mercadoria, mas sim com a própria finalidade de regeneração da própria vida. E aqui a gente está falando, por exemplo, dos sistemas agrícolas de populações indígenas, ribeirinhas, de camponeses, de agricultores familiares que partem do princípio de que a vida deve regenerar e tem todo um sistema cosmológico que sustenta esse princípio. Por exemplo: você tem de deixar a floresta crescer novamente para descansar a terra e regenerar a vida, para que novamente depois possa retornar, e aí você consegue manter de certa forma uma habitabilidade de determinados territórios a partir de uma gestão dessas temporalidades ecológicas da floresta. Esse projeto está tateando esses problemas, que não são novos. Primeiro, de como essas populações que habitam a Amazônia, os povos indígenas e comunidades tradicionais, desenvolvem técnicas de gestão de relações com árvores, com várias espécies, com plantas para fazer regenerar e reviver a paisagem. Estamos argumentando em torno de uma tecnodiversidade de modos de revitalização da paisagem propriamente amazônica, é essa que é a ideia. Realmente, a gente pode falar que tem um modo de gestão da paisagem que é extremamente interessante e que não tem suporte nenhum no sentido de políticas públicas ou financiamento internacional, pelo contrário, é visto como pri-

mitivo porque ainda usa o fogo, muitas vezes, ou porque derruba a árvore em muitos casos e não pressupõe produtividade e a escala, mas sim a gestão das relações e ritmos indeterminados de muitas vidas. Então, a gente pode falar de uma multiplicidade de sistemas cosmotécnicos e essa é uma questão. A outra questão é como essas técnicas, que estão associadas a uma gestão da vida, pode elevar o debate dos sistemas tradicionais de manejo da terra frente a uma discussão sobre as ideias globais de desmatamento, mudanças climáticas e restauração da floresta na Amazônia, um debate dominado pela lógica da ciência, da técnica e da economia liberal. Por isso que estamos falando de etnografia, estamos falando de múltiplas conexões parciais no território, cada povo fazendo de forma diferente, cada coletivo manejando seu mundo e produzindo relações e diferença com implicações para seus modos de vida e de viver bem. O que desafia não só pensar a própria ideia universal de sustentabilidade, porque esse manejo da vida implica muitas vezes também derrubar a floresta, mas também fazer crescer diferentes vidas, como falei. Que é diferente dos projetos de desmatamento para implantação de monoculturas, essa forma neocolonial de ocupação da Amazônia. Então, tem essas duas chaves de entrada e interesse do projeto. Ainda estamos no início.

Ozaias Rodrigues: Essa perspectiva complexa e dinâmica que você acabou de apresentar sobre o projeto se relaciona com o campo da ecologia histórica ou não?

Thiago Mota: Um pouco, sim, há confluências. Eu poderia te falar que podemos fazer um diálogo com a ecologia histórica, para pensarmos o desdobramento das temporalidades de vidas que se encontram na paisagem. Mas a ecologia histórica está interessada em outras questões, que não é apenas na *longue durée*. O problema da ecologia histórica, vou falar como eu entendo de forma bem simplificada, está situado em compreender quais agenciamentos antropogênicos atuam de forma determinante na origem e constituição de plantas e paisagens na Amazônia. Em outras palavras, como esse bioma, como suas várias manchas e paisagens florestais vem sendo

formado ao longo da história. A ecologia histórica afirma como tese central, e contra as teorias do determinismo ambiental, que a formação da paisagem são processos ecológicos, mas ao mesmo tempo, são processos históricos, porque tem uma intervenção humana. As paisagens amazônicas, portanto, como meus colegas arqueólogos e etnobotânicos vêm defendendo, resultariam de forças antropogênicas. É uma ecologia que envolve a ação humana, então estão interessados em mostrar a mão humana, a pegada humana na formação de florestas tropicais, o que leva a uma questão política também, pois busca tirar os povos indígenas do quadro teórico das sociedades primitivas de pequena escala e ambientalmente condicionados a edificadores culturalmente ativos deste monumento paisagístico conhecido universalmente como Amazônia. Daí, vem a ideia de floresta cultural e tudo o mais. Nosso interesse não é necessariamente tratar destes problemas.

Ozaias Rodrigues: Não é diacronia, é sincronia?

Thiago Mota: Tem até diacronia, o entendimento que paisagens emergem da relação de múltiplas temporalidades humanas e não-humanas, mas em outro sentido, dialogando com a abordagem etnográfica. Estamos mais interessados realmente na dimensão etnográfica da fricção entre projetos de mundos e de saberes localizados em torno de políticas climáticas. Em conhecimentos que estão contaminados por outros conhecimentos, mundos entre mundos. Nosso interesse é nessa fricção, nessa zona de contato, e em como isso faz ecologias emergir, envolvendo humanos, não-humanos, global e local.

Alci Albiero: Talvez até por não respeitar essas outras formas de ontologia de construção de paisagem, construção de vida, é que essas metas de restauração ficam tão utópicas e tão distantes, então, cria-se um modelo linear para todo mundo fazer que na prática não é assim que acontece.

Thiago Mota: Concordo, os projetos de restauração na Amazônia, assim como as *plantations* monoculturais do agronegócio, são projetos escaláveis. Você tem um modelo e você vai replicando o modelo. Modelo tem lá, a metodologia, a forma de implantação, as espécies que você pode e deve utilizar, se é nativa ou exótica, quantificação de carbono. Ou seja, é escalável, ele busca se replicar enquanto modelo. Alguns antropólogos, principalmente a Anna Tsing nos ajudam a pensar sobre esses projetos escaláveis de forma etnográfica e crítica. Estes quando implantados em território de restauração florestal ou de projetos de desmatamento evitado eles passam a conviver com a diferença: com quilombolas, indígenas, com fungos, animais, terra, clima, que estão ali nos territórios e que vão desafiar, vão contaminar aquele processo. Vão desafiar os projetos de restauração a partir da coordenação entre os múltiplos ritmos de vida com os ritmos dos projetos escaláveis. Mesmo que eles participem através de suas concepções de floresta, a partir do próprio conflito territorial, esses projetos vão ser desafiados por fungos, por animais, por falta de dinheiro, falta de recursos, por má gestão das mudas...ou seja, a diferenciação vai operar nessas manchas. Então, o tempo todo esses projetos são desafiados por outros agenciamentos multiespecíficos e por isso é que tem muitas vezes baixa taxa de sucesso. Porque talvez seja isso: os projetos modernistas de restauração lidam com a vida enquanto coleção de objetos biológicos e não lidam com a diferença enquanto relações que produzem relações. A ideia é eliminar a diferença. O projeto de restauração, ele produz biodiversidade, o que é paradoxal, ele se propõe a produzir biodiversidade, mas a partir de um modelo mental monocultural, trazendo Vandana Shiva para a conversa. Assim temos uma tensão produtiva, entre uma tecnologia monocultural que não está olhando para as fricções humanas e não-humanas e as tecnodiversidades ancoradas nas conexões parciais e saberes localizados de paisagens multiespécies.

Ozaias Rodrigues: Quais seriam as suas maiores influências na Antropologia e porquê? Aquelas fundamentais.

Thiago Mota: Nossa, difícil esta! Várias (risos). Começo com todos e todas as pessoas que convivi e convivo nessa minha jornada de “antropologia de pés descalços”, amigos das comunidades e aldeias em territórios por onde andei, mas também profissionais de órgãos públicos, indigenistas, socioambientalistas e ativistas, sem falar em meus colegas de universidade, estudantes e amigos de boteco. São todos responsáveis por me ensinar a “ler o mundo”. Em se tratando de influências da literatura antropológica, houve muitos autores e autoras que dialogam nessas fronteiras entre Biologia e Humanidades, vamos dizer assim. Todos eles me interessam, todos eles são importantes para mim. Em algum momento da minha história, eles e elas tiveram um relevo maior ou menor, depende muito das questões que fui me deparando ao longo da minha trajetória. Por exemplo, teve uma época em que autores como Antônio Carlos Diegues, Darrell Posey, Victor Toledo e William Balée, da Etnoecologia e da Ecologia Histórica, foram autores que realmente me influenciaram e são importantes para mim. Nunca me esquecerei do impacto em ler minha primeira etnografia, o belíssimo O “Afeto da Terra”, de Carlos Brandão. Numa viagem em que fui fazer em São Paulo, enquanto estudante de biologia, encontrei duas obras que me marcaram, o primeiro *A Sociedade contra o Estado*, de Pierre Clastres. E a capa desse livro era fantástica, era aquela pintura do Debret de um indígena sentado no chão e arqueando a flecha. Cara! Levei o livro. E depois, no mesmo sebo, fui na sessão de Biologia. Faço isso até hoje quando vou à biblioteca ou livraria, visito a sessão de Antropologia e a sessão de Biologia. Ali encontrei o livro da Lynn Margulis, *O Planeta Simbiótico*. Encontro esse livro que também traz a ideia de simbiose como fator de evolução. São dois livros que eu trago sempre comigo. Os trabalhos de Manuela Carneiro da Cunha e de Mauro Almeida, e seus alunos, que trabalham há muito tempo com a questão dos conhecimentos ecológicos tradicionais e com a relação entre populações tradicionais e meio ambiente, são para

mim fundamentais. O livro *Enciclopédia da Floresta* organizado pelo Mauro e pela Manuela é aquele livro que está ali na mesa de centro, está sempre inspirando. Eu gosto muito de ver o modo como nossos colegas, nossas ancestrais na Antropologia fizeram também seus trabalhos. Essa coisa da pesquisa colaborativa, essa coisa da abertura para as teorias indígenas ou de seringueiros, para as suas práticas. O Mauro e a Manuela são muito craques nisso. E também a inserção deles no mundo da ecologia política, da diplomacia, do direito dos povos e das comunidades tradicionais. Isso para a mim é muito inspirador. Arturo Escobar e Henyo Barreto-Filho, influenciaram muito minha trajetória para também pensar a ecologia política de outra forma, de modo antiessencialista. As ideias de pluriverso e sentipensar a terra formulada por Escobar é interessante. Autores da antropologia indígena como Eduardo Viveiros de Castro, Tânia Stolze Lima e Philippe Descola, dentre muitos, me ajudaram a compreender as ontologias outras, enquanto Tim Ingold me deu toda ferramenta que precisava para uma antropologia para além da natureza. Foi fascinante quando li o *Perception of the Environment*, que obra monumental! Foi também uma porrada mesmo. Sem falar no Gregory Bateson, fundamental. Dentro do Doutorado, tive um encontro com as autoras feministas de várias partes do mundo, esse olhar feminista para a diferença, para o problema da natureza e cultura, para a discussão de natureza e do corpo. A Marilyn Strathern e Anna Tsing, e mais recentemente Elizabeth Povinelli. Ando me debruçando em leituras em torno das abordagens relacionais de uma antropologia da vida, do clima, da paisagem e da ecologia política, economia e antropologia e com obras produzidas por pensadores indígenas, como Ailton Krenak, Silvia Cusi-canqui e Davi Kopenawa e quilombolas como Nego Bispo, são muitas referências que dificilmente conseguirei abarcar aqui. Importante frisar que a possibilidade de você fazer uma antropologia da vida, me trouxe de volta para a Biologia. Então eu estava saindo um pouco da Biologia para pensar conhecimentos tradicionais, territórios, conflitos, ecologia política, antropoceno, capitalismo. Agora, volto para Biologia a partir de uma antropologia que me leva de volta ao interesse pela vida

acontecendo, principalmente na biologia meu encontro se dá com Donna Haraway, Lynn Margulis, Richard Lewontin e Susan Oyama. E esse movimento me influenciou bastante.

Alci Albieiro Jr: Seus trabalhos e pesquisas possuem uma forte conexão com a proposta de estudos antropológicos multiespécie de Anna Tsing. Inclusive você foi um dos responsáveis pela publicação da coletânea de artigos da autora para o português, *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no antropoceno* (2019), publicado pela editora Mil Folhas, e também publicou o artigo *A arte de viver no Antropoceno: um olhar etnográfico sobre cogumelos e capitalismo na obra de Anna Tsing* (2019) na revista ClimaCom. Além disso, você realizou seu doutorado sanduíche no projeto AURA - Living in the Anthropocene, na Aarhus University, Dinamarca, sob orientação de Anna Tsing. Considerando a proposta de Tsing em acompanhar os cogumelos através de seus fluxos de socialidades humanas e não-humanas, para pensarmos o global, o Antropoceno, como você acredita que as etnografias multiespécie da antropologia contemporânea podem nos ajudar a pensar sobre o local e o global?

Thiago Mota: Quando eu leio um livro como o *Friction*, de Anna Tsing, uma autora bem que se diga, interessada em *globals situations*, me deparo com a seguinte proposta etnográfica: essa ideia de que opera numa oposição do global com o local, com o global incorporando o local, essa escala, não se sustentaria do ponto de vista etnográfico. Não é nem a global que afeta os territórios, como não é a soma dos locais que fazem o global. Não é nem um, nem outro. E ela vai propor um outro olhar para isso. O termo “*friction*” pode ser entendido nesse lugar crítico. Entendo que ela vai nos dizer que o que a gente chama de universal ou global se produz em circuitos, movimentos por entre as diferenças. É nesse movimento por entre as diferenças que conceitos, como de natureza, democracia e liberdade, vão sendo forjados em encontros de práticas em circuitos de conexões que se tornam globais. Você não vai encontrar uma natureza universal, global,

circulando por aí incólume, mas muitos projetos de naturezas que emergem de fricções por entre a diferença. Elas se produzem nessas manchas, de fricção entre trabalhadores, comunidades locais, pessoas, práticas científicas, ONGs, vidas, formações geológicas, clima, projetos, leis de Estado, modos de democracia, mercadorias, tudo isso, essa fricção entre humanos e não-humanos e seus projetos, produzem o sentido do que a gente poderia chamar de natureza universal, mas que se constitui nos circuitos por entre as particularidades. Então, ela traz isso. Logo depois de *Friction*, a Anna Tsing adentra em uma discussão, que é de um projeto que ela vinha tendo de forma colaborativa com vários outros pesquisadores, que é o estudo do cogumelo matsutake. Ela estava interessada em capitalismo. Ela vai atrás do capitalismo e acha multiespécie, pois o cogumelo nos seus circuitos por entre a diferença emergia na fricção de seus encontros econômicos-ecológicos. O conceito multiespécie trazia ao primeiro plano este encontro para além-do-humano nos circuitos do capitalismo em paisagens materiais concretas, localizados e aterrados no chão das floresta e dos mercados. Porque o olhar de pesquisadora, e uma pesquisadora feminista interessada nessas diferenças não-essencializadas, nessas emergências ecológicas, ela vai ver essas fricções operando entre humanos, árvores e fungos. E ela vai ver que nesses circuitos, do cogumelo *gourmet*, como seus valores, seus corpos, suas paisagens vão sendo produzidas na forma da fricção entre os vários projetos dentro do circuito e não por definições universais dadas de antemão. Então, você não consegue ter uma definição única sobre a relação. Você vai encontrar capitalismo absorvendo forças não-capitalistas. Ou seja, mercadorias se relacionando com dádiva. Dádivas capturando mercadorias. Você vai ver paisagens que se produzem pela perturbação. Vidas que precisam de perturbação humana. Você vai ver essas interações extremamente complexas que contaminam e desafiam essas rígidas fronteiras essencializadoras, do que é natureza, do que é cultura, do que é global e local. Então quando a gente pensa a vida multiespécie, a gente está pensando essas fricções entre essas vidas que se fazem juntas, a gente está pensando para além da oposição entre o global e o local e

formulando questões a partir dos encontros. O Antropoceno, de uma perspectiva em que a Anna Tsing nos propõe e dá forma que eu consigo compreender, também adentra nesta proposta. Antropoceno não é um fenômeno global, ou seja, o humano enquanto uma totalidade num planeta também visto como uma totalidade. Mas são fricções que se dão entre humanos e não-humanos num território, numa paisagem material, concreta, que produzem fenômenos que adentram circuitos que se conectam parcialmente e produzem novos circuitos. O Antropoceno, você vai entender que ele é múltiplo e repleto de assimetrias e hierarquias coloniais, racistas, sexistas e classistas, ele não é “O Antropoceno”. Entendo que ela usa esse termo como uma provocação para pensar essas multiplicidades que ocorrem no território, em manchas, em ocorrências, em fragmentos, em fricções muito concretas. A gente está sendo bem abstrato aqui. Então, aí é que a figura da multiespécie para mim se conecta ao apoio mútuo de Piotr Kropotkin e à simbiose de Lynn Margulis lá atrás. Multiespécie para mim é uma forma de falar da vida enredada.

Alci Albiero Jr: Lembro que em uma de suas aulas na disciplina de Natureza, Cultura e Política, ofertada no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFAM, você mencionou que as ciências naturais pouco se importam com a natureza. Acredito que essa frase, além de contemplar importantes questões sobre o domínio da natureza e da cultura na modernidade, se um dia fomos realmente modernos, tenha um certo tom de provocação. Como a antropologia poderia colaborar com as ciências naturais em seus estudos sobre a Natureza ou Natureza Amazônica?

Thiago Mota: Eu falei isso mesmo? (risos) Que as ciências naturais pouco se importam com a natureza? Porque, como entendo, as Ciências Naturais e as próprias Humanidades, as “Ciências Modernistas”, vamos chamar assim, ela que produz a Natureza, ela é que inventou, produziu, estabilizou a Natureza enquanto um ente, inclusive, separado dos humanos, externo a nós e enquanto um evento também. Há muitas letras, muitas páginas sobre isso na Antropologia. Então, no meu

ver, as Ciências Naturais fazem a Natureza no sentido de um mundo exterior a nós, enquanto um objeto que pode ser descortinado, manipulado e elevado à ideia de recurso para ser utilizado economicamente e por aí vai.

Alci Albiero: Acho que quando você falou isso, foi nesse sentido, de ver como algo que para as Ciências Naturais, a Natureza já está lá, então ela não precisa...

Thiago Mota: Acho que é Bruno Latour quem vai dizer que a Natureza é o problema. O problema foi a invenção da Natureza, a Natureza não é a solução. Você quer resolver um problema de ecologia política, você tem de “abandonar a Natureza” e toda separação entre a Natureza e a Sociedade, a Política que se associa a Natureza. Algo nesse sentido. Porque a ideia de Natureza produz a ideia de um objeto, de algo exterior. É esse que é o problema, ela está ligada ao dualismo na cultura, a humanidade. Não existe a Natureza sem seu outro par, Cultura. São faces da mesma moeda. Se você abandona o próprio conceito de Natureza – ou os vários conceitos de Natureza que temos - cai por terra também o conceito de Cultura. A não ser que a gente conceba que tudo é cultura. Que inclusive árvore é cultura, e aí pode ser. Que não é isso o que os povos indígenas estão dizendo, inclusive. Os povos indígenas não usam a ideia de Natureza como fundamento conceitual para falar de seus mundos. Os Yanomami, no texto do Davi Kopenawa, com Bruce Albert, que fala em *Urihi*, a terra-floresta, não está falando que a Natureza é igual à terra-floresta. Ele está dizendo que o mundo em que estão vivendo, percebendo, se relacionando pode ser traduzível mais ou menos com essa ideia de Terra-Floresta, mas é uma tradução mais ou menos. *Urihi* pode ser até pensado como natureza, mas não só. Então, assim, outros povos não precisam do conceito de Natureza para viver e viver bem. E para a Antropologia, a Natureza é um problema. Um problema na sua própria constituição. A Antropologia se formou tendo a Natureza como aquele corpo invasor, que necessitou ser exorcizado para se construir uma Ciência Humana, uma Ciência Social que

precisou se “descontaminar” da Natureza, digamos assim. É claro, isso tem um motivo político e também um motivo teórico-metodológico, de recusa dos determinismos naturais, pelos genocídios que vêm junto com as essencializações sobre a Natureza, o racismo, a eugenia, o nazismo que vem com a ideia de uma natureza humana universal. Todo aquele esforço de fazer Ciências Sociais ao espelho das Ciências Naturais, com bases no objetivismo, enfim, é substituída por uma ideia de fazer Ciências Sociais com objetividade tirando a Natureza e deixando a Natureza lá fora como um espelho ou um palco vazio. O que eu talvez queira dizer, desculpe se um tanto confuso, é que esse abandono da Natureza enquanto problema, e a aceitação e expurgo da Natureza enquanto um ente, uma ontologia, uma existência exterior, o abandono do problema da natureza para deixar pros Cientistas Naturais, não fez com que a Antropologia ou Ciências Sociais saíssem do problema. Ela simplesmente se desresponsabilizou da Natureza, colocando para fora um morador indesejado que nunca deixou de atormentar o edifício vigiado das Ciências Humanas e todas as ciências interessadas na humanidade. Enfim, todo esse exorcismo da Natureza produziu muita Cultura. O estudo da Cultura como lugar de se fazer Antropologia. Só que a Natureza sempre esteve lá. Então, ela sempre volta como um fantasma. Bruno Latour sacou esse movimento e nos convidou para trazer a natureza de volta, mas como problema antropológico, como foco de nossa atenção e responsabilidade e duvidando ou provincializando sua ontologia.

Ozaias Rodrigues: O demônio da Natureza está sempre ali à espreita (risos).

Thiago Mota: Sempre está à espreita para adentrar no nosso corpo (risos). O determinismo biológico por meio de uma ideia de natureza humana universal está aí presente, ela vem a partir da sociobiologia, de uma nova discussão sobre a psicologia evolutiva, que atormentou Marshall Sahlins e Tim Ingold. E é muito importante que a Antropologia adentre nesse problema da Natureza. Que implica repensar a própria ideia de cultura e sociedade. É o que estão fazendo todos os

autores da chamada “Virada ontológica”, da “Virada Multiespécie”, dos estudos feministas, da crítica anticolonial ou decolonial de autores de África, autores e autoras negros e negras, indígenas, “mestiços”, e outros autores e autoras também que estão se colocando nesse problema de pensar a Natureza, o que não implica dizer que a Natureza está aí na sua frente, mas talvez falar de Natureza é falar de um mundo possível dentre muitos mundos sem Natureza ou com múltiplas naturezas, uma construção também colonial que pode ser superada por outros conceitos, por outras ideias, por outras formas de ver e viver. Ou, por outro lado, podemos ver que no ocidente, ou no pensamento modernista, a natureza também é múltipla, digamos assim, há muitas formas e práticas de fazer naturezas no mundo moderno. Talvez seja um lugar de aliança possível, porque a Natureza não vai simplesmente sumir do mundo. Quando eu falo isso, não estou dizendo que a floresta não vai acabar; estou especulando sobre o fim de um modo de ver o mundo enquanto algo externo a nós, enfim.

Referências bibliográficas

- BOOKCHIN, Murray. *The ecology of freedom: The emergence and dissolution of hierarchy*. Palo Alto: Cheshire Books, 1982.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O afeto da terra. Campinas*. São Paulo: Editora UNICAMP, 1999.
- CLASTRES, Pierre. *A sociedade contra o Estado*. São Paulo: Ubu Editora, 2017.
- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela; DE ALMEIDA, Mauro Barbosa. *Enciclopédia da Floresta – O Alto Juruá: práticas e conhecimentos das populações*. São Paulo: Companhia das letras, 2003.
- DARWIN, Charles. *A origem das espécies*. Bolonha: FV Éditions, 2017.
- DAWKINS, Richard. *O gene egoísta*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2017.
- DIEGUES, Antônio Carlos. *O mito moderno da natureza intocada*. São Paulo: Editora HUCITEC, 1996. 169p.

INGOLD, TIM. *The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill*. London: Psychology Press, 2021.

KOPENAWA, Davi; BRUCE Albert. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2019.

KROPOTKIN, Piotr. *Apoio Mútuo um fator de evolução*. Trad: Dinah de Abreu Azevedo, Editora Deriva, 2012, 285p.

MARGULIS, Lynn. *Planeta simbiótico: un nuevo punto de vista sobre la evolución*. Madri: Editora Debate, 2002.

POSEY, Darrel Addison. “*Etnobiologia: teoria e prática*”. *Suma etnológica brasileira*. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

TOLEDO, Victor M. *What is ethnoecology? Origins, scope and implications of a rising discipline*. *Etnoecológica*, v. 1, n. 1, p. 5-21, 1992.

TSING, ANNA LOWENHAUPT. *Friction: An ethnography of global connection*. Princeton: Princeton University Press, 2011.

VAN LENGEN, Johan. *Manual do Arquiteto Descalço*. Porto Alegre: Bookman Editora, 2021.